

# AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DE IMIGRANTES E REFUGIADOS NAS AGROINDÚSTRIAS DA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA<sup>1</sup>

## **Maria Aparecida dos Santos**

Advogada, formada em Direito pela FURB

Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Militante na área de direitos trabalhistas, sindicais, previdenciários e direitos humanos

## **Ana Rosa dos Santos Beck**

Acadêmica do 10º Período do Curso de Direito da Universidade Comunitária da Região de  
Chapecó – Unochapecó

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

## **As condições de trabalho de imigrantes e refugiados nas agroindústrias da Região Oeste de Santa Catarina**

### **Resumo**

Este artigo vem demonstrar a vinda dos imigrantes/refugiados do Haiti e do Senegal que por motivos diversos, mas por compreensões iguais, ou seja, pela desterritorialização do capital, se viram obrigados a deixarem suas pátrias e buscarem no Brasil melhores condições de trabalho, especialmente nas agroindústrias de Santa Catarina. Temos o intuito de demonstrar que estas melhores condições nem sempre são alcançadas, seja pelo trabalho exercido, pela baixa remuneração, pelo alto custo de vida ou pela dificuldade linguística e religiosa e os imigrantes/refugiados se veem obrigados a trabalharem em mais de um emprego para suprirem suas necessidades.

**Palavras-chave:** Imigrantes; Refugiados; Migração; Força de Trabalho; Agroindústrias; Santa Catarina.

### **Abstract**

This article demonstrates the arrival of immigrants/refugees from Haiti and Senegal who for various reasons but the same understandings, that is, the dispossession of the capitalism, were forced to leave their homelands and seek in Brazil better working conditions, especially in agrobusiness of Santa Catarina. We are aiming to show that these better conditions are not always met, whether the work performed by low pay, the high cost of living or the linguistic and religious difficulties and immigrants/refugees are forced to work more than one job to meet their needs.

**Keywords:** Immigrants; Refugees; Migration; Workforce; Agrobusiness; Santa Catarina.

## 1. Introdução

Nos limites deste artigo, busca-se contextualizar a crise estrutural do capital, e a vinda de imigrantes/refugiados<sup>2</sup> para o trabalho nas agroindústrias da região Oeste de Santa Catarina.

Os países que tiveram suas populações emigradas de seu território e vieram ao Brasil na tentativa de buscarem condições melhores de trabalho, foram as populações do Haiti e do Senegal. Estes, que na busca histórica tiveram suas populações conturbadas por guerras civis, extermínios, pela escravidão e pelo modo capitalista que traz a fome, as doenças terminais, a seca, a má distribuição de renda e a concentração do 'bem estar social' nos países europeus à custa dos países africanos. E aqueles que, nos séculos XVII e XVIII foram uma grande potência mercantil de açúcar, café, algodão e anil e que em 1788 seu comércio era superior ao dos Estados Unidos e que após o glorioso processo de independência sofreram boicotes internacionais extremos:

O Haiti, muito conhecido como 'a pérola das Antilhas', era realmente uma joia entre as colônias. No último ano do século XVII, era a única colônia que produzia, ao mesmo tempo, açúcar, café, anil e algodão em grande escala. Suas exportações correspondiam a 40% do PNB da metrópole (França); e seu comércio em 1788, de 42 milhões de dólares, era superior ao dos Estados Unidos (GRONDIN, 1985, p. 53).

Dessa maneira, o objeto do trabalho é demonstrar como a crise estrutural do capital faz que ocorra a desterritorialização de parte da classe trabalhadora de tais países, o que vem a equalizar com a necessidade de força de trabalho nas agroindústrias do Oeste de Santa Catarina, fazendo com que estes imigrantes/refugiados venham a trabalhar nestas empresas. Bem como retratar as condições reais de trabalho nestas, para a categoria destes trabalhadores.

O artigo registra dados das agroindústrias desde Xanxerê até São Miguel do Oeste, e está baseado em dados obtidos por sindicalistas desta região, demonstrando quais as agroindústrias que empregam força de trabalho dos imigrantes, para depois tentar fazer um panorama das condições de trabalho nas mesmas.

Além dos dados obtidos juntos a sindicalistas, boa parte do artigo baseia-se na dissertação apresentada por Maria Aparecida dos Santos, para o Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC em fevereiro de 2011, cujo título da mesma é: O sofrimento dos Trabalhadores da Agroindústria Sadia S.A. de Chapecó, e tendo como orientadora desta a professora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Mazzei Nogueira. E, ainda, dados colhidos no cotidiano da profissão de advogada trabalhista, previdenciária e sindicalista, durante as últimas

---

<sup>2</sup> Trabalha-se com as categorias de imigrantes e refugiados visto que nas agroindústrias desta região do Oeste de Santa Catarina, existem trabalhadores haitianos (imigrantes) e senegaleses (que entram no nosso país na categoria de refugiados).

três décadas de Maria Aparecida dos Santos, estes dados formam colhidos através da vivência da profissão da advogada e demonstram a riqueza de informações da qual se pode obter no decorrer de uma profissão.

A hipótese que se pretende comprovar é que as condições de trabalho nas agroindústrias são extremamente ruins, para todos os trabalhadores que lá exercem sua profissão, mas que, nas condições de imigrantes/refugiados, os salários ‘muito baixos’ fazem com que estes tenham dificuldade de manterem-se a si, e ainda enviarem valores a seus países de origem, visto que este é um dos objetivos e necessidades da maioria desta parcela da classe trabalhadora.

A pretensão deste artigo é a de que o mesmo possa ‘descortinar caminhos’ destes trabalhadores nas agroindústrias de nossa região, para outros pesquisadores, que se interessam pelo tema do trabalho de imigrantes e refugiados, poderem traçar pesquisas com este objeto.

A análise sempre que possível é elaborada dentro de uma metodologia marxista, onde se tenta ‘descortinar’ a aparência para se compreender a essência das categorias em discussão.

## **2. A crise estrutural do capital e a desterritorialidade dos/as trabalhadores/as**

### **AQUI FIZ UM POUCO DA PARTE UM DO ARTIGO, MAS TEM QUE SER BASTANTE MELHORADA, FIZ EM CIMA DA MINHA DISSERTAÇÃO**

Em entrevista dada ao repórter Leonardo Cazes, István Mészáros afirma com ironia a frase de Rosa Luxemburg “socialismo ou barbárie” e acrescenta: ‘barbárie... se tivermos sorte’<sup>3</sup> Neste sentido, Mészáros pode nos revelar em que situação a crise político-econômica dos países europeus possui influencia e é parte integrante da crise estrutural do capital, a crise é do capital e do Estado.

O modo de produção capitalista vivenciou constantes períodos de crise, momentos em que se agudiza a degradação das condições de vida da classe trabalhadora devido à avidez do capitalista por mais valia que se manifesta no: “[...] empenho de prolongar desmesuradamente o dia de trabalho, e a do boiardo no empenho de aumentar os dias de trabalho compulsório e gratuito” (MARX, 2006, p. 275).

Segundo Huberman (1985, p. 271-272), em todos os períodos da história tem havido crises, mas há uma grande diferença com as crises do capitalismo. Antes do século XVIII a crise mais comum era provocada pelo fracasso das colheitas, pela guerra ou por um acontecimento anormal. As crises eram caracterizadas pela escassez de alimentos e outros artigos, então os preços se elevavam. Mas nas últimas décadas, as crises capitalistas, ao contrário, se caracterizam pela superprodução de mercadorias e pela caída dos preços, que pode levar os capitalistas à bancarrota.

---

<sup>3</sup> Entrevista: A disputa pelo Estado, concedida por István Mészáros a Leonardo Cazes em 9 de junho de 2015.

E, no raciocínio o mesmo autor segue dizendo que as consequências da crise são o desemprego, a queda da taxa de lucros, a retração da atividade industrial, da produção e do comércio. A contradição da pobreza com a riqueza é vista em toda parte (HUBERMAN, 1985, p. 272) ao longo do desenvolvimento capitalista levando à negação da satisfação das necessidades mínimas para a esmagadora maioria da humanidade.

Ao final do século XX, como consequência da crise estrutural do capital<sup>4</sup>, instalada a partir da década de 1970, são gritantes as desigualdades sociais como as referidas por Mészáros citando Minqi Li, “*After Neoliberalism: Empire, Social Democracy, or Socialism?*”, em *Monthly Review*, jan. 2004, p. 21:

Segundo as Nações Unidas, no seu Relatório sobre o Desenvolvimento Humano, o 1% mais rico do mundo auferia tanta renda quanto os 57% mais pobres. A proporção no que se refere aos rendimentos, entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres no mundo aumentou de 30 para 1 em 1960, para 60 para 1 em 1990 e para 74 para 1 em 1999, e estima-se que atinja os 100 para 1 em 2015. Em 1999-2000 2,8 bilhões de pessoas viviam com menos de dois dólares por dia, 840 milhões estavam subnutridos, 2,4 bilhões não tinham acesso a nenhuma forma aprimorada de serviço de saneamento e uma em cada seis crianças em idade de frequentar a escola primária não estava na escola. Estima-se que cerca de 50% da força de trabalho não-agrícola esteja desempregada ou subempregada (MÉSZÁROS, 2007, p. 221).

Esta crise faz com que o capital cada vez mais, na busca de maior competitividade, se tornasse global. Podemos observar a busca incessante das empresas transnacionais em estabelecerem seus serviços e a produção de suas mercadorias de forma espalhada por diversos países do planeta, afim de obterem o privilégio quanto a redução de impostos, quanto a disponibilidade de recursos naturais, bem como a disponibilidade de recursos humanos, melhores condições de força de trabalho. Dessa forma, vemos o capital absorver as fronteiras de Estados Nacionais e relativizar a soberania dos Estados Nacionais.

Ou seja: as próprias empresas/transnacionais vão de um lugar ao outro, tem livre passagem no sistema capitalista, e os trabalhadores/as embora com muitas dificuldades de

---

<sup>4</sup> É decisivo aqui ressaltar que, para Mészáros, *capital e capitalismo* são fenômenos distintos. O sistema de capital, segundo o autor, antecede o *capitalismo* e tem vigência também nas sociedades pós-capitalistas. O capitalismo é *uma* das formas possíveis da realização do capital, uma de suas *variantes históricas*, presente na fase caracterizada pela generalização da *subsunção real* do trabalho ao capital, que Marx denomina como capitalismo pleno. Assim como existia *capital* antes da generalização do capitalismo (de que são exemplos aqui, o capital mercantil, o capital usurário etc.), as formas recentes de sócio-metabolismo permitem constatar a continuidade do capital mesmo *após* o capitalismo, por meio da constituição daquilo que Mészáros denomina como “sistema de capital pós-capitalista”, de que foram exemplos a URSS e demais países do Leste Europeu. Esses países *pós-capitalistas* não conseguiram romper com o sistema de sócio-metabolismo do capital e a identificação conceitual entre capital e capitalismo fez com que, segundo o autor, *todas* as experiências revolucionárias vivenciadas no século XX se mostrassem incapacitadas para superar o *sistema de sociometabolismo do capital* (o complexo caracterizado pela divisão hierárquica do trabalho, que subordina suas funções vitais ao capital). Ver, sobre a experiência soviética, especialmente Mészáros (2002, p. 726-786). Sobre as mais importantes diferenças entre o capitalismo e o sistema soviético, ver a síntese em “A produção de riqueza e a riqueza da produção, em *Para além do capital*, cit., p. 630-631 (ANTUNES *apud* MÉSZÁROS, 2009, p. 10).

imigração, tem que imigrar em busca de trabalho, devido à crise do capital, que faz com que a força de trabalho não tenha trabalho em seus estados de origem.

Mas, para a classe trabalhadora, a quem sempre existiu de forma coercitiva as fronteiras de Estados, a crise estrutural faz com que parte destes trabalhadores venham a se desterritorializar em busca de trabalho, sendo que o Estado Brasileiro tem recebido um número cada vez maior desta parcela de trabalhadores em busca de empregos.

### **3. A chegada de imigrantes e refugiados no Oeste catarinense**

A região Oeste do Estado de Santa Catarina é uma região com várias agroindústrias que tem início na década de 1940, aqui em Chapecó com o antigo Frigorífico Marafão, sendo que este foi comprado na década de 1950 pelo senhor Plínio Arlindo de Nês, que implanta a empresa SAIC- SOCIEDADE ANÔNIMA INDUSTRIAL E COMERCIAL, mas tarde passando a chamar-se CHAPECÓ AVÍCOLA S.A; CHAPECÓ ALIMENTOS S.A, e que por falência deixa de existir como grupo empresarial na década de 2000, tendo sido decretado a falência em 2005.

A partir da década de 1970 as grandes agroindústrias começam uma escalada de crescimento nesta região, sendo que nesta década é construído o frigorífico SADIA S.A em Chapecó, (uma filial), visto que esta empresa já existia/existe na cidade de Concórdia desde a década de 1950. E nesta década também surge a Cooperativa Central Oeste Catarinense.

Hoje o panorama das grandes agroindústrias da região é o seguinte:

a) COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS: (nova denominação da Cooperativa Central Oeste Catarinense), tem 10 unidades, sendo nos seguintes municípios: Joaçaba; (FAJO); Xaxim, (Fax); Abelardo Luz (Faal); três unidades em Chapecó: uma no centro-(IACH), uma no bairro EFAPI(-FACH I) e outra no bairro SAIC-(FACH II-sendo esta onde funcionava a antiga Chapecó Alimentos S.A); em Guatambú (Fagui); em Maravilha (Famh) e São Miguel do Oeste (Fasmo). Produtos da marca AURORA.

b) A antiga Sadia S.A, tem quatro unidades em: Concórdia, Chapecó, Herval do Oeste e Capinzal. Esta empresa fundiu-se com outra agroindústria do município de Videira, Perdigão S.A, ao final da década de 2000 sendo hoje sua denominação de BRF- BRASIL FOODS S.A. Mas, os produtos das indústrias da SADIA, continuam no mercado com esta denominação.

c) E a Seara Alimentos S.A, hoje grupo JBS S.A, tem quatro unidades na região, sendo: Seara; Ipumirim, Xanxerê (este não é frigorífico sendo fábrica de ração, e é uma 'parte da empresa de Seara, tendo o mesmo CNPJ e Itapiranga. Os produtos da empresa continuam no mercado como sendo SEARA.

As agroindústrias acima citadas são aquelas maiores da região, mas existem outras agroindústrias nesta região, como por exemplo: a FRIAVES-INDUSTRIAL DE ALIMENTOS LTDA, que desde o ano de 2013 tem em média, nos seus quadros de trabalhadores 10% de haitianos, tendo por quatro ou cinco vezes trazido estes trabalhadores direto do Acre, por intermediação de um pastor adventista daquela região.<sup>5</sup>

Os imigrantes/refugiados na região Oeste de Santa Catarina, aqui compreendidos os municípios de Xanxerê até São Miguel do Oeste, vem atraídos para esta região para o trabalho na agroindústria. Salienta-se que a Cooperativa Central Aurora Alimentos, no ano de 2013 foi buscar no Acre/Brasil, imigrantes haitianos que haviam chegados aquela região vindos do Haiti, para suprir força de trabalho, na cidade de Xaxim. O mesmo tendo ocorrido com a BRF- BRASIL FOODS S.A, que se dirigiu até a cidade de Itajaí/SC, no início do ano de 2014 para a busca de imigrantes haitianos que estavam residindo naquela cidade e a cidade de Passo Fundo/RS para a busca de senegaleses, para a sua unidade em Chapecó.

A agroindústria de nossa região, apesar da crise estrutural do capital, tem se desenvolvido e crescido<sup>6</sup> com o aumento de vendas de carnes (frango/suínos/gado), para várias partes do mundo, incluindo os continentes europeu, asiático e africano, o que faz com que estas indústrias, além da modificação/'modernização' de suas plantas, tenham necessidade de força de trabalho, pela dificuldade de encontrar um contingente necessário na região.

A dificuldade de encontrar força de trabalho local da agroindústria no Oeste Catarinense é uma característica que vem se acentuando na última década<sup>7</sup>, devido a vários fatores, entre os

---

<sup>5</sup> Dados foram colhidos em entrevista com o Presidente da Associação dos Haitianos de Nova Erechim, senhor Riche Fils Aime, que está na empresa desde a data de 09 de maio de 2013.

<sup>6</sup> Lucro da Aurora em 2013 cresce 66% para R\$ 302 milhões. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2014/02/carnes-lucro-da-aurora-em-2013-cresce-66-para-r-302-milhoes.html>>. A Cooperativa Central Aurora Alimentos, de Chapecó (SC), obteve faturamento bruto recorde de R\$ 6,7 bilhões em 2014, o que corresponde a um crescimento de 18% em relação ao ano anterior. As sobras, ou lucro, aumentaram 38%, atingindo R\$ 417,9 milhões. A margem líquida foi de 6,83%. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/faturamento-da-cooperativa-aurora-cresce-18-em-2014>>. A Cooperativa Central Aurora Alimentos obteve, em 2015, uma receita operacional bruta da ordem de 7,7 bilhões de reais, resultado 12% superior ao ano anterior. O resultado líquido do exercício foi de 246 milhões de reais ou 3,5% da receita global. Disponível em: <<http://www.auroraalimentos.com.br/sobre/noticia/366/resultados-de-2015-aurora-cresce-12>>.

Deve ser salientado que além das unidades destas empresas no Oeste Catarinense, onde tiveram sua gênese, as mesmas possuem unidades em outras Federações do Brasil.

Lucro líquido da BR Foods em 2013 sobe 38% e atinge R\$1,1 bilhão. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/2014-02-27/lucro-liquido-da-brf-sobe-38-em-2013-e-atinge-r-11-bilhao.html>>.

Em 2014, apesar da crise econômica, a BR Foods duplicou seu lucro líquido e atingiu R\$2,1 bilhões. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/agro/3929720/brf-dobra-lucro-liquido-em-2014-para-r-21-bilhoes>>.

Lucro da BR Foods chega a R\$1,415 bilhão em 2015. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/4455250/lucro-da-brf-sobe-428-no-4-tri-de-2015-para-r-1415-bilhao>>.

Neste contexto, deve-se colocar que tais informações sobre os lucros, correspondem a totalidade da empresa BR Foods, englobando as empresas Sadia S.A e Perdigão S.A que se apresentam no território todo.

<sup>7</sup> Estas constatações tem como base o trabalho diário de mais de três décadas na militância da advogada Maria Aparecida dos Santos, na área trabalhista/previdenciária/sindical. Dados retirados da dissertação de Mestrado de

principais pode-se destacar: baixos salários; o aumento das doenças sociais/do trabalho após ‘a modernização’ das mesmas com a reestruturação produtiva a partir da metade da década de 1990; o péssimo ambiente laboral; entre outros. Esta dificuldade fez com que as mesmas viessem a buscar força de trabalho nas cidades próximas de nossa região, cidades dos Estados do Rio Grande do Sul, e Paraná, sendo esta força de trabalho composta por pequenos camponeses e por um contingente de algumas centenas de indígenas buscados em suas aldeias.

Referida força de trabalho vinda de outras regiões vem com condução fornecida pela agroindústria e os trabalhadores chegam a ficar na estrada por várias horas, entre 3/4/5/6/7/8 horas, chegando a alguns ficarem ‘na estrada’ por até nove horas diárias, o que se somando as 08h45min trabalhadas, mais intervalo intrajornada, se tem entre dezoito/dezenove horas/dias em função da empresa/trabalho. Estas longas jornadas (compreendidas entre horas efetivamente na produção; horas *in itinere*;) fazem com que estes trabalhadores não permaneçam por um período muito longo no contrato, havendo uma constante rotatividade da força de trabalho; o que resultou na busca por trabalhadores imigrantes/refugiados.

É importante ser analisado que nem todas as agroindústrias da região tem força de trabalho imigrantes/refugiados, e na análise abaixo, busca-se citar as que empregam estes, tendo-se algumas premissas: a) as agroindústrias com mais de 500 trabalhadores; b) as compreendidas da cidade de Xanxerê até São Miguel do Oeste; c) os dados colhidos foram neste mês, (com exceção da BRF-BRASIL FOODS S.A, que se tem dados de outubro de 2015)), portanto, pode ter ocorrido de em meses anteriores ter mais ou menos trabalhadores imigrantes/refugiados.

Passa-se análise dos dados colhidos:

a) Município: Abelardo Luz: Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, com aproximadamente 1200 trabalhadores e nenhum imigrante/refugiado; (dados do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Xanxerê e região).

As demais agroindústrias da região, que pertencem a esta entidade sindical, não atingem 500 trabalhadores, sendo uma na cidade de Ipuatã, e outra na própria cidade de Xanxerê.

b) Município: Xaxim: Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, com aproximadamente 2007 trabalhadores e de imigrante/refugiado o número de 298, ou seja, mais de 10%. Entre estes existem senegaleses e haitianos, sendo os últimos em maior número, e de senegaleses uns 30 a 40 trabalhadores. (Dados do Sindicato *dos Trabalhadores nas Indústrias e Cooperativas de Carnes e Derivados e da Alimentação de Xaxim*).

c) Município de Chapecó:



c.1) Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, no centro da cidade (IACH); tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, no Bairro EFAPI (FACH I); tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, no Bairro SAIC (FACH II) nestas três unidades existem aproximadamente 5000 trabalhadores e 591 estrangeiros (Dados do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação, exceto carnes e derivados, trabalhadores em Cooperativas de carnes e derivados, rações balanceadas, e alimentação de Chapecó-SITRICCALA).

c.2) empresa BRF –BRASIL FOODS S.A- no Bairro EFAPI com aproximadamente 5786 trabalhadores e com 852 haitianos e 156 senegaleses, em outubro de 2015; o que significa aproximadamente 1000 trabalhadores de outras nacionalidades; (Dados do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Carnes de Chapecó-SITRICARNES).

d) Município de Guatambu: Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, com aproximadamente 1318 trabalhadores e 145 imigrantes haitianos; ou seja, mais de 10%; (Dados do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carnes e Deriv da Alim e Afins de Guatambu).

e) Município de Quilombo: Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, com aproximadamente 1500 trabalhadores e não tem nenhum imigrante/refugiado em seus quadros; (Dados do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Cooperativas de Carnes e derivados, rações, massas, trigo, milho, laticínios e derivados e afins de Quilombo-SINTRAICQ).

f) Município de Seara: Tem a agroindústria JBS S.A, que tem entre 2880 a 3000 trabalhadores e nenhum imigrante/refugiado; (Dados do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Xanxerê e região).

g) Município de Concórdia: Tem a agroindústria BRF-BRASIL FOODS S.A., da qual não foi possível averiguar os dados com o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Concórdia e região.

h) Município de Maravilha: Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, que tem entre 2011 a 2002 trabalhadores e nenhum imigrante/refugiado; (Dados do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Carnes e Derivados da Alimentação de Maravilha).

i) Município de Itapiranga: Tem a agroindústria JBS S.A. com aproximadamente 3200 trabalhadores e nenhum imigrante/refugiado; (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação do extremo Oeste Catarinense).

j) Município de São Miguel do Oeste: Tem a agroindústria COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, com aproximadamente 860 a 870 trabalhadores e nenhum imigrante/refugiado; (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias da Indústria Alimentícia de Carnes e Derivados de São Miguel do Oeste).

Algumas conclusões dos dados anteriores podem ser destacadas:

1) Os municípios com maior número de imigrantes/refugiados são: Chapecó e Xaxim.

2) Surpreende o número de trabalhadores imigrantes/refugiados na agroindústria BR Foods de Chapecó, entorno de 1000, e na Cooperativa Central Aurora Alimentos, aproximadamente 1000 trabalhadores, incluindo as unidades de Chapecó, Xaxim e Guatambu.

3) A chegada, em maior número, nesta região de imigrantes/refugiados é o ano de 2013, sendo que no ano de 2012, algumas agroindústrias poderiam ter alguns haitianos, mas em número muito reduzidos, que, conforme conversa com organizados dos mesmos, chegava entorno de meia dúzia.

Deve ser destacado neste artigo que estamos nos detendo nas agroindústrias da região, mas os imigrantes/refugiados trabalham no setor da construção civil; metalurgia; coleta de lixo, coleta de aves e outras atividades, embora em números muito menores que na agroindústria.

A rotatividade nas agroindústrias de imigrantes/refugiados também é bastante presente, o que faz com que procurem outras ocupações, ou mesmo trabalho informal, e os senegaleses, na sua grande maioria, quando demitidos, ou vão para São Paulo, Argentina (Buenos Aires), outras cidades, tentar a sorte como vendedores ambulantes. Tem-se que ter presente que assim como os senegalês os haitianos também, quando desempregados, buscam outros municípios do Estado, de outros Estados, e até outros países.

#### **4. As condições de trabalho dos imigrantes/refugiados na agroindústria**

O que estes trabalhadores imigrantes/refugiados encontram pela frente no trabalho diário das agroindústrias da região?

Preliminarmente é necessário frisar-se que esta parcela de trabalhadores imigrantes/refugiados, vão enfrentarem a mesma situação vivenciada pelos demais trabalhadores desta categoria, com a situação a mais de serem 'estrangeiros'; não terem moradia própria; não compreenderem nosso idioma; vivenciarem situações de racismo por serem negros; e no caso dos senegaleses estarem somente numa comunidade de homens; serem muito jovens e mulçumanos, (numa região onde esta religião não tinha ainda seguidores).

Mas, detalhando as dificuldades desta categoria:

#### 4.1. Baixos salários

Pela pouca tradição de luta da classe trabalhadora desta categoria, associada a um sindicalismo ‘pelego’, reformista e burocratizado, os salários sempre foram relativamente baixos, comparados a outras categorias no país. Mas, se comparados aos salários das demais categorias da região Oeste, ficam na média destes, devido a não tradição de luta dos trabalhadores da região.

É possível observar que em relação aos salários desta categoria, que no decorrer dos últimos três anos, período este em que tivemos a grande incidência da vinda destes imigrantes/refugiados à Santa Catarina, os salários normativos não excederam a 300 dólares americanos.

Na BR Foods de Chapecó-SC, por exemplo, pelo Acordo Coletivo de Trabalho de número SC000386/2014 com vigência de 01 de junho de 2013 a 31 de maio de 2014 o salário era de R\$885,63; o Acordo Coletivo de Trabalho de número SC002455/2014 com vigência de 01 de junho de 2014 a 31 de maio de 2015 tinha como salário de admissão R\$955,00; e o Acordo Coletivo de Trabalho com vigência de 01 de junho de 2015 a 31 de maio de 2016 tem como salário de admissão R\$1040,00.

Em relação a COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS localizada em Chapecó, o Acordo Coletivo de Trabalho com vigência de 01 de maio de 2013 a 30 de abril de 2014 tinha como salário de admissão R\$880,00; Acordo Coletivo de Trabalho com vigência de 01 de maio de 2014 a 30 de abril de 2015 tinha como salário de ingresso R\$950,00; e o Acordo Coletivo de Trabalho com vigência de 01 de maio de 2015 a 30 de abril de 2016 possui salário de ingresso de R\$1050,00.

É também certo que todas as agroindústrias que se tem conhecimento, apesar de ‘negociarem’ com as entidades sindicais, ‘sempre pagam aos operários salários maiores que os negociados, que na média salarial para a maior faixa de trabalhadores encontra-se entre R\$ 1.050,00 a R\$ 1.400,00. O que vem a significar na prática 300 a 350 dólares. Empresas menores chegam a pagar entorno de R\$ 1.000,00 apenas.

Levando-se em conta o custo de vida de nossa região, onde principalmente em Chapecó os preços de alugueis são bastante elevados, ao final de cada mês o sonho de fazer ‘a vida no Brasil’ para estes imigrantes/refugiados vai se tornando quase que um pesadelo.

Os alugueis em nossa cidade, de casas simples, com dois quartos, e em bairros ficam entorno de R\$ 500,00 a R\$ 700,00; apartamentos (mesmo em bairros) ainda mais caros, e quartos de dormir não saem por menos de R\$ 350,00. Soma-se a isto: comida, transportes, roupas e laser, e tem-se que por mais simples que um trabalhador possa ser, suas despesas pessoais ficam

entorno de R\$ 700,00 a R\$ 800,00, sobrando-lhe em média 100 a 150 dólares, para ser enviados as famílias que ficaram em seus países de origem.

Isto faz com que a maioria destes imigrantes/refugiados residem em casas com oito a dez pessoas, com uma situação precária na maioria, quase sem conforto (na maioria das vezes móveis, roupas de camas, utensílios domésticos foram doados por pessoas da comunidade-isto é- outros trabalhadores-demonstrando que entre a classe trabalhadora ainda existe solidariedade), e nas periferias da cidade.

Um número considerável deles buscam dois empregos para conseguirem enviar mais dinheiro a familiares, podendo ser dois trabalhos em frigoríficos diferentes (todos os frigoríficos da região têm dois turnos: um começa entre 04h00min/05h00min terminando entorno das 14h00min/15h00min, e outro se inicia às 13h30min/14h30min terminando entorno das 24h00min); ou em frigoríficos e de manhã ou tarde na construção civil; ou em outras empresas onde possam trabalhar por mais quatro a seis horas; o que vem a significar nesta hipótese jornada de trabalho de até dezesseis horas.

#### **4.2. As condições do meio-ambiente-laboral**

O meio ambiente do trabalho<sup>8</sup> faz parte de um todo maior, que nominamos de meio-ambiente ou ecossistema, estando dialeticamente interligado a este. Usa-se esta categoria por ser a mesma recorrente no mundo jurídico, embora signifique para nós, o processo de trabalho, visto que meio ambiente de trabalho é exatamente a análise da forma como o trabalho é desenvolvido e as condições do ambiente fabril no seu todo, sendo as condições físicas e psicológicas do ambiente onde se processam as matérias-primas para transformá-las em produtos que vão ser as mercadorias. Esta análise/estudo do meio ambiente laboral perpassa os três elementos que constituem o processo de trabalho, quais sejam: “a) primeiro o trabalho em si, uma atividade produtiva, com um objetivo; b) segundo, o(os) objeto(os) sobre os quais o trabalho é realizado; c) e terceiro, os meios que facilitam o processo de trabalho”.

Na análise do meio ambiente de trabalho/laboral das agroindústrias, pode ser concluído que este é danoso a saúde dos trabalhadores, conforme estudos elaborados, nesta região pelo Doutor Sandro Eduardo Sardá, Procurador do Ministério Público do Trabalho, que esteve a frente da Procuradoria de Chapecó entre os anos de 2008 até setembro de 2010.

---

<sup>8</sup>Análise elaborada por Santos, Maria Aparecida dos para o Mestrado em Serviço Social da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina - em fevereiro de 2011, cujo título da mesma é: O sofrimento dos Trabalhadores da Agroindústria Sadia S.A. de Chapecó, e tendo como orientadora desta a professora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Mazzei Nogueira, p. 236.

Este Procurador tinha e tem uma luta incansável pela melhoria das condições de trabalho da classe trabalhadora, focando mais seu objeto nos frigoríficos da região. Assim, impetrou várias Ações Cíveis Públicas contra: agroindústria Sadia S.A, hoje BRF FOODS S.A; COOPERATIVA CENTRAL OESTE CATARINENSE LTDA., hoje COOPERATIVA AUTORA ALIMENTOS LTDA; BONDIO ALIMENTOS S.A, (hoje referida unidade foi vendida para a Cooperativa Aurora Alimentos S.A); DIPLOMATA ALIMENTOS S.A, (na cidade de Xaxim, cuja empresa hoje é a COOPERATIVA AURORA ALIMENTOS S.A); entre outras.

Todas estas Ações Cíveis Públicas foram precedidas de Inquéritos Cíveis que no âmbito da Procuradoria do Ministério Público do Trabalho, prepararam as referidas ações, com uma força tarefa dos Auditores Fiscais do Trabalho de Chapecó, que por vários dias, às vezes meses, permaneceram dentro dos frigoríficos coletando dados, por vezes até mais e um mês, e fazendo autos infracionais contra estas agroindústrias. Os auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego fizeram várias análises dos locais de trabalho, tais como: temperaturas dos setores; ritmo de trabalho, (aqui incluindo o número de vezes em que m trabalhador usa os membros superiores, além de outros dados); número de pausas durante a jornada; número de horas extras; intervalo intrajornada e intervalo interjornada; número de CAT-COMUNICAÇÃO DE ACIDENTE DE TRABALHO fornecidas; número de adoentados a quem os frigoríficos não expediram a referida CAT; entre outros.

Os inquéritos cíveis que precederam as ACP, procuraram demonstrar todos os malefícios do processo de organização do trabalho nos frigoríficos e a leitura e compreensão dos mesmos demonstra que todas as agroindústrias acarretam os mesmos problemas em relação à saúde física e mental de seus trabalhadores.

A dissertação de mestrado defendida por Santos, Maria Aparecida dos (páginas 235/298) trabalhou com a análise da ACP proposta contra a agroindústria Sadia S.A, mas, conforme já afirmado a análise de todas as demais Ações Cíveis Públicas demonstram situações similares a este frigorífico.

Resumidamente tem-se: As agroindústrias tratam com processamento de carnes, sejam de aves, bovinos ou suínos, o que significa que no processo de trabalho existe a matança (excesso de sangue, fezes, poeiras, sujeira animal), que produz um aspecto psicológico bastante ruim, existe excesso de água, frio e em algumas áreas calor, e as tarefas de cada trabalhador devem ser feitas de forma parcelar, que embora pareçam simples (um corte, uma embalagem), exigem atenção em todas as horas de trabalho, pois os obreiros estão sujeitos à cadência das máquinas. Além disto, são construções fechadas (normas de segurança e higiene), geralmente todas pintadas de branco, com poucas janelas e altas, onde a temperatura ambiente do local de

trabalho é comumente mantida abaixo de 10 graus centígrados, à exceção de poucos setores, independente da temperatura do ambiente de fora do local de trabalho. Organizados em sua maioria em dois ou três turnos, ou seja: o trabalhador entra de madrugada e sai no meio da tarde, ou vice-versa, entra no meio da tarde e sai de madrugada. Quando sai do labor, sempre terá um choque de temperatura, sejam para mais ou para menos graus, aqui em nossa região, sofrendo um choque térmico em seu organismo.

Os organismos governamentais, através de estudos/análises dos auditores do Ministério do Trabalho elaboraram em 2004, uma Nota Técnica pelo Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho deste Ministério, relativa a *Medidas Para Controle de Riscos Ocupacionais na Indústria de Abate e Processamento de Carnes*, onde resta demonstrado os malefícios destas atividades a saúde humana, que é citado no anexo 2 dessa Nota Técnica, e assim diz:

#### CARACTERÍSTICAS DAS ATIVIDADES DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DE ABATE E PROCESSAMENTO DE CARNES

As atividades de processamento de carnes (aves, suínos, bovinos etc.) são organizadas de tal maneira que o processo produtivo e os métodos de trabalho acarretam para os trabalhadores potencial risco à sua saúde e segurança (Grifos nosso, pela importância do afirmado).

Principais problemas encontrados nas atividades de processamento de carnes:

As atividades realizadas são fragmentadas, sujeitas à cadência imposta pelas máquinas e pela organização da produção, com pressões de tempo, não permitindo que os trabalhadores tenham controle sobre o seu trabalho. [...] os trabalhadores não têm a possibilidade de tomar decisões, como a escolha do ritmo e modo de execução do trabalho, a diminuição da cadência, ou o momento de pausas quando necessárias.

A cadência elevada de trabalho e a pressão de tempo são associadas ao aparecimento de DORT; a falta de controle sobre seu próprio trabalho favorece as reações de estresse, insatisfação e depressão (Grifo nosso).

As atividades em sua maioria são fixas e pouco variáveis, com ciclos de trabalhos muito curtos, ocasionando alta repetitividade.

Posturas inadequadas dos membros superiores, do tronco e da cabeça.

[...] essas posições, e principalmente a combinação das mesmas de forma permanente e repetida, têm sido amplamente estudadas e relacionadas ao aparecimento de DORT.

Trabalho estático dos membros superiores e inferiores: Estudos têm demonstrado relações causais entre a carga postural e a lesão osteomuscular.

Trabalho com exigência de força no manuseio de produtos e/ou no uso de ferramentas de trabalho [...].

Posições de trabalho exclusivamente em pé, em postos fixos com espaços exíguos, [...] A manutenção do trabalho em pé, em posições estáticas, acarreta fadiga, varizes e outros agravos à saúde.

Trabalho monótono caracterizado pela acumulação de operações repetitivas, desinteressantes e pela limitação dos contatos humanos.

Um grande número de tarefas nos frigoríficos exige atenção visual de forma permanente.

Trabalho permanente em ambiente frio. A maioria dos postos de trabalho nas atividades de processamento de carnes se situa em ambientes artificialmente resfriados com temperaturas variando entre 9°C e 12°C. Adicionalmente, os produtos manuseados devem permanecer em baixas temperaturas, em torno de 4°C [...].

Exposição contínua a níveis de ruído acima de 80 dB (A). O ruído, além de ocasionar perdas auditivas, provoca graus importantes de estresse.

Condições insalubres: exposição à umidade e a agentes biológicos, contato permanente com carnes, glândulas, vísceras, sangue e ossos.

Através desta Nota técnica do MTE, O INSS promulgou a Instrução Normativa n. 98 do INSS, de 05 de dezembro de 2003, que demonstra o reconhecimento por parte deste Instituto do adoecimento dos trabalhadores das agroindústrias, em relação a doenças classificadas como LER/DORT.

Estas normatizações infraconstitucionais são baseadas em estudos científicos que relacionam as condições de saúde às condições de trabalho. No caso dos frigoríficos há um conjunto de situações do ambiente de trabalho altamente agravantes à saúde dos trabalhadores, sobretudo pelo descumprimento da legislação no que tange às pausas, repetitividade das tarefas e a uma sadia organização do trabalho<sup>9</sup>. Quanto aos acidentes de trabalho, Hoffman e Busin, analisando os dados do INSS já comprovaram que as atividades de abate de aves e preparação de produtos de carnes estão entre as atividades que apresentam um maior número de benefícios concedidos por acidente de trabalho (SARDÁ, 2008, p. 49). E, mais, painéis epidemiológicos comprovam que o grau de possibilidade desta parcela dos trabalhadores adoecerem psicologicamente é maior que nos demais segmentos de outras categorias. Segundo o ilustre Procurador do Trabalho Sandro Eduardo Sardá “de cada 100 mil trabalhadores em frigoríficos, 888 serão acometidos de transtorno mental, enquanto para cada 100 mil trabalhadores de outras categorias, ocorrem cerca de 225 transtornos mentais” (Depoimento à Santos, Maria Aparecida dos).

Portanto, os estudos elaborados por pesquisadores de Institutos Públicos e por outros pesquisadores, bem como todas as teses defendidas nas Ações Cíveis Públicas propostas pelo Ministério Público do Trabalho contra os maiores frigoríficos de nossa região, e em especial a Ação Civil Pública proposta contra a agroindústria Sadia S.A, (Ação número 3497/2008, na 2ª Vara do Trabalho de Chapecó), objeto de uma parte da dissertação de Santos, Maria Aparecida dos demonstram a questão do adoecimento desta categoria. Um dos motivos pelos quais as agroindústrias da região estão com dificuldade de força de trabalho local, tendo que ir encontrar estas em municípios vizinhos, e agora em busca de imigrantes/refugiados é o amento dos adoentados.

Desta forma, estes imigrantes/refugiados encontram este ambiente de trabalho e processo de organização do trabalho nestes frigoríficos, ainda mais se considerando que vem de regiões mais quentes que a nossa região sul, e tendo que conviver com o excesso de frio, (para eles ainda maior), tanto em nosso inverso, quanto dentro da fábrica. Existe ai uma grande

---

<sup>9</sup> Sobre o tema dos limites de movimento ver Couto (1994) e Colombini (2008); sobre a incidência da repetitividade nas doenças do trabalho em frigoríficos ver Hoffmann e Busin (2005, p. 16); sobre a necessidade de ambiente psicossocial favorável ver Couto (1994, p. 44) e Dejours (1992).

probabilidade de adoecimento destes trabalhadores, e faz também com que muitos não suportem as condições de trabalho e venham a sair dos empregos.

### **4.3. Rotatividade**

Os imigrantes/refugiados vindos para esta região, estão sujeitos, assim como os demais trabalhadores daqui a uma grande rotatividade no trabalho. Nas agroindústrias, nas últimas duas décadas a rotatividade é bastante elevada, bem como também no ramo da construção civil, (dois maiores empregadores destes imigrantes/refugiados), e, desta forma, ao serem demitidos, ou solicitarem demissão, ficam desempregados, na procura de empregos, ou saindo da cidade em busca de novos horizontes. Tem-se a considerar que diferentemente da classe trabalhadora enraizada na cidade e cidades vizinhas, estes, infelizmente deles só tem a mercadoria força de trabalho a vender, e suas roupas, além dos sonhos 'de fazer o Brasil', parodiando o sonho de séculos atrás de outros imigrantes europeus de fazer a América.

Ao ficarem desempregados partem a procura de outras cidades, outros empregos, e os senegaleses, num grande número, vão se transformando em vendedores ambulantes, inclusive com vários tendo ido para Buenos Aires, São Paulo, e outros (que conseguem a passagem de retorno), retornando as suas cidades natal.

Estas dificuldades fazem com que tenha surgido também na região parte desta força de trabalho em atividades informais, na construção civil, e em outros 'bicos' que encontram, e a maior dificuldade ainda de sobrevivência.

Como é um fenômeno novo na região (aproximadamente três anos), toda esta situação, vai ter que ser melhor estudada por pesquisadores para ver-se como irá comportar-se a mesma entre os imigrantes/refugiados.

### **4.4. Dificuldade de comunicação, escolaridade, religiosidade:**

Em relação a comunicação, é por certo que qualquer imigrante/refugiado ao ser desterritorializado de seu Estado encontra pela frente.

Esta dificuldade faz com que os imigrantes/refugiados tenham mais proximidades entre eles, e uma maior dificuldade em convivência com os nativos da região.

Deve ser salientado que o idioma oficial tanto do Haiti, quanto do Senegal é o francês, mas, os haitianos em sua grande maioria falam o crioulo, e os senegaleses vários outros dialetos,



visto que existem em seu país de origem treze dialetos tribais, sendo o de maior número o wólof (uólofe), que falam a maioria dos senegaleses nesta região radicados.

Na região, em que pese vários debates e lutas de organizações para que seja oferecido pelo Estado (Estado de Santa Catarina e município de Chapecó), aulas oficiais de nosso idioma; não se tem avançado nesta questão, tendo poucos avanços em relação a aprendizagem da língua portuguesa, sendo algumas aulas fornecidas por algumas entidades, (não a nível oficial), como a Universidade da Fronteira Sul, Associação de Haitianos de Chapecó, Cruz Vermelha de Chapecó, entre outros.

São tentativas que vem a demonstrar a 'boa vontade' de alguns grupos de pessoas preocupadas com os imigrantes/refugiados mais em nosso entender sem um resultado mais concreto do que seria se estes cursos fossem oferecidos pelo Poder Público, que tem a obrigatoriedade disto.

Isto faz com que vários imigrantes/refugiados não consigam compreender seus direitos enquanto trabalhadores, e tenham dificuldades para o enfrentamento da situação vivenciada. Outra questão é ainda a não validação da escolaridade que tem estes imigrantes/refugiados em seu país de origem.

Quanto a religiosidade, os imigrantes haitianos, são em sua maioria de alguma religião cristã, e nesta região professam a mesma, não tendo dificuldade em continuar com suas crenças. Já os senegaleses, praticamente todos são da religião mulçumana, e para se manterem unidos em suas crenças todos os domingos fazem suas orações em uma garagem de um prédio, onde residem vários deles. Até existem outros mulçumanos na cidade, mas de origem árabes, e não fazem suas orações juntos, cada qual em local diferenciado.

## **5. Considerações Finais**

Nosso objeto é: demonstrar que a crise do capital/capitalismo em sua fase imperialista desterritorializa parte da classe trabalhadora para nosso país, que vem suprir num determinado momento a falta de força de trabalho em determinados ramos indústrias.

É possível observar que o trabalho árduo realizado por estes imigrantes-refugiados não é recompensado de forma que traga vantagens para que tais trabalhadores fiquem realizando apenas um trabalho. O capital os força a deixarem seus territórios e nos territórios em que se instalam não há a possibilidade de se manterem.

E, a realidade destes trabalhadores/as na região do oeste catarinense, vem a ser as anteriormente citadas: baixos salários; péssimo ambiente laboral; rotatividade, e dificuldade de sobrevivência nas condições impostas.

## Referências

- ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo, SP: Boitempo, 2006.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil**. 2.ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2002.
- GRONDIN, M. **Haiti: cultura, poder e desenvolvimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985. (Coleção Tudo é História, n. 104).
- HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 20.ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1985.
- MAGALHÃES, L. F. A. O Haiti é aqui: sub imperialismo brasileiro e imigrantes haitianos em Santa Catarina, SC. **REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, Florianópolis, SC, v. 5, n. 1, p. 13-43, 2015.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política/Karl Marx**. Tradução e introdução de: Florestan Fernandes. 2.ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Capítulo VI inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata**. São Paulo, SP: Moraes, 1985.
- MÉSZAROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo, SP: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. Formas mutantes do controle do capital. In: \_\_\_\_\_. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo, SP: Boitempo, 2002, p. 726-786.
- SANTOS, M. A. **O sofrimento dos trabalhadores da agroindústria Sadia S.A. de Chapecó**. 2011. 427f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, 2011.